

A PERCEPÇÃO DOS JOVENS APRENDIZES SOBRE O TRABALHO QUE EXERCEM

Dércia Antunes de Souza
derciaantunes@uol.com.br
FATEC - Faculdade de

Sabrina Félix de Melo
sabrina.felixmelo@yahoo.com.br
USCS - Universidade

Fernanda Deolinda Fajan
fernandafajan@hotmail.com
FATEC - Faculdade de

Cristina Becker Matos Nabarro
profcrisbecker@gmail.com
FATEC - Faculdade de

Marcos Antonio Maia de Oliveira
marcos.maia@fatec.sp.gov.br
FATEC - Faculdade de

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo verificar a percepção dos jovens aprendizes acerca do trabalho e de seu ambiente de trabalho. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, realizado mediante pesquisa de campo. Foi utilizada, como instrumento de coleta de dados, entrevista com roteiro de oito perguntas, que permitiu analisar, de forma ampla, o tema em questão. Na análise dos resultados, pode-se verificar que os jovens aprendizes possuem algumas dificuldades em conciliar o trabalho e o estudo, todavia os aspectos positivos apresentados por eles são muito superiores, bem como suas motivações e expectativas, como já confirmado em artigos anteriores. Conclui-se que os jovens entrevistados possuem uma percepção de trabalho complexa, muito ligada ao recebimento de salário, todavia é evidente que o trabalho traz contribuições positivas aos adolescentes, tais como maturidade, crescimento profissional, realização pessoal, independência financeira, entre outros. Nesse sentido, é importante que as empresas passem a valorizar este capital humano, jovens cheios de disposição e sonhos, que podem trazer um grande diferencial para a empresa.

Palavras Chave: Jovem Aprendiz - Trabalho - Lei de aprendizagem - Legislação - Percepção

1. INTRODUÇÃO

O trabalho juvenil tem sido foco de preocupações constantes de governos, órgãos internacionais e instituições não governamentais. Este é um problema que não está presente somente no Brasil, mas em todo o mundo. Em 2012, segundo a Organização Internacional do Trabalho, a falta de emprego atingiu 74 milhões de jovens de 15 a 24 anos, o que representa que 37,5% das pessoas não possuem emprego. No mesmo período, para as pessoas que estão acima desta idade, a taxa foi de 4,5%. Se comparada a taxa entre jovens e adultos, há uma diferença de 8 pontos percentuais (SARRES, 2013).

No Brasil, o índice de desemprego entre jovens foi de 13,7% em 2012, um índice tão alto, que acaba facilitando o emprego informal e o trabalho infantil. No entanto, na legislação brasileira já existe uma série de medidas que regulam a inserção do jovem no mercado de trabalho, dentre elas pode-se destacar o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), Lei Federal de 1990, e a Lei da Aprendizagem (Lei 10.097/2000). Essas leis garantem que os direitos presentes na Constituição Federal sejam cumpridos, buscando defender estes adolescentes da exploração e possibilitando sua inserção laboral (MATTOS; CHAVES, 2006).

Criada para minimizar o impacto da demanda de emprego entre os jovens, o programa jovem aprendiz, que compõe a Lei da Aprendizagem, busca também gerar renda familiar, diminuir o índice de desemprego, facilitar o encontro do primeiro emprego e vincular o trabalho com a educação (BRANCO, 2005 apud BORGES, 2010).

No presente artigo, será abordado o conceito do programa de aprendizagem, a lei do menor aprendiz, quem são estes jovens aprendizes e seu papel nas organizações, partindo de fundamentos de autores conceituados que abordam este assunto. Este artigo tem relevância científica para a área de Recursos Humanos, por tratar-se de uma pesquisa que analisará adolescentes em pleno desenvolvimento de uma profissão e que possuem direitos e garantias fundamentais de trabalho. Também se torna importante, pois poderá ser usado como base para novos trabalhos com o tema em questão. Portanto, este trabalho tem o seguinte problema de pesquisa: como os jovens aprendizes percebem o trabalho que executam e o ambiente de trabalho?

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa é verificar a percepção dos jovens aprendizes acerca do trabalho e de seu ambiente de trabalho. Quanto aos objetivos específicos, estão classificados como: caracterizar os menores aprendizes da pesquisa; identificar suas dificuldades, motivações e perspectivas; e caracterizar a empresa objeto de estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ORIGEM E CONCEITO DO TRABALHO

Marx (1818/1818 – 1883), apud Borges (2010), conceitua o trabalho como um processo entre o homem e a natureza, uma ação unicamente humana, planejada ou imaginada. Este processo traz transformações tanto para o homem quanto para a natureza, em um determinado tempo histórico, o trabalho é a atividade que define o homem como um ser humano social.

O trabalho vem do latim *tripalium*, termo que se refere a um instrumento de tortura, que possuía três paus ou uma canga que pesava sobre os animais (MARTINS, 2013). O trabalho também foi visto na bíblia, mais precisamente no livro de Gênesis, como um castigo. O texto retrata que Adão teve de trabalhar para comer, pelo fato de ter comido o fruto proibido. Na idade da pedra, o homem trabalhava para se alimentar, posteriormente começou

a desenvolver técnicas de caça e armas de proteção, com o objetivo de se defender de animais e de outros homens (BARAÚNA, 2009).

De acordo com Fonseca (2006), na antiguidade, os povos que estavam organizados de melhor forma, econômica e militarmente, dominavam os demais, assim crescia o trabalho escravo. Na cidade ateniense, por exemplo, para cada cidadão existiam oito escravos. Foi desenvolvida inicialmente por Platão e Aristóteles a noção de igualdade, que tinha a visão da igualdade entre os iguais.

Segundo Baraúna (2009), na idade média a relação entre as classes passou a ser fundamentada na economia rural dos feudos e os escravos eram considerados como coisas ou semoventes. O senhor feudal cedia para o trabalho dos servos, onde o pagamento era por meio da produção e utilização do espaço cedido. Houve o declínio da servidão devido às Guerras Santas, às pestes que atingiram a época e à evolução do sistema produtivo, contra o alto custo de manutenção dos servos nas propriedades feudais. Em 1779, devido à Revolução Francesa, a escravidão foi banida da França, influenciando outras nações, devido aos novos conceitos filosóficos e políticos de: liberdade, igualdade e fraternidade.

A preocupação com o trabalho infantil já estava átona na época das Corporações Ofício, em que havia a preocupação de preparar profissional e moralmente estes jovens para conferir-lhes aprendizagem (MARTINS, 2013).

O processo de industrialização ocorrido na Europa contribuiu para introdução de menores no mercado de trabalho, que traziam grande lucro para seus patrões, por serem mais submissos, produziam uma grande quantidade, em troca de baixos salários. De forma similar, deu-se a utilização de trabalho de crianças e adolescentes no Brasil (PEREZ, 2006).

Desta forma, como complementa Perez (2006), o trabalho infantil nas máquinas a vapor, minas de carvão, moinhos de fiação e para as variadas máquinas, passou a ser um fator de grande lucro para os empresários. Neste contexto, Gomes (1976, p. 466) afirma que:

O emprego de mulheres e menores na indústria nascente representava uma sensível redução do custo de produção, a absorção de mão-de-obra barata, em suma, um meio eficiente e simples para enfrentar a concorrência. Nenhum preceito oral ou jurídico impedia o patrão de empregar em larga escala a mão-de-obra feminina e infantil. Os princípios invioláveis do liberalismo econômico e do individualismo jurídico davam-lhe a base ética e jurídica para contratar livremente, no mercado, esta espécie de mercadoria.

Nesse período, os menores trabalhavam de 12 a 16 horas diárias, estes eram equiparados às mulheres. A Inglaterra, em 1802, proibiu o trabalho de menores de 9 anos e restringiu para 12 horas diárias o trabalho de menores de 16 anos, o que posteriormente aconteceu na França e Alemanha (MARTINS, 2013).

O Século XVII foi importantíssimo para a evolução do trabalho humano e construção do sistema jurídico trabalhista por todo o mundo, devido à Revolução Industrial, que foi baseada no capitalismo liberal. Por mais que houve muitos avanços que possibilitaram alterações comportamentais na sociedade, por outro lado, a busca excessiva do lucro gerou a exploração abusiva dos trabalhadores, trazendo diversos conflitos entre as classes operárias e patronais.

Estes conflitos, mais as questões, sociais, políticas, entre outras, forçaram a intervenção do Estado, colaborando para a criação de normas regulamentadoras da relação de emprego (SUSSEKIND, 2005). A Revolução Industrial foi responsável por transformar o trabalho em emprego, onde os trabalhadores passaram a trabalhar por salário, trazendo uma nova cultura a ser aprendida (MARTINS, 2013). Foi assim que surgiram os direitos

fundamentais de primeira dimensão, “as liberdades individuais, o direito à vida, à segurança, à igualdade de todos os cidadãos perante a lei, o direito de propriedade e o direito de ir e vir” (FONSECA, 2006).

2.2 HISTÓRICO LEGISLATIVO NO BRASIL

No Brasil, na época colonial e no império, os filhos de escravos eram utilizados em atividades domésticas, agrícolas ou até mesmo em indústrias rudimentares, sem que houvesse nenhuma proteção legal. Já no Brasil Republicano, por intermédio do Decreto 1.313, de 17/01/1890, o Governo Federal, estabeleceu uma série de restrições sobre o trabalho infantil em fábricas do distrito federal, todavia sem muito sucesso. Posteriormente, existiram outras tentativas, como o Decreto Municipal de 1.801, de 11/8/1917 e o Decreto 16.300 de 1923 (NETO; CAVALCANTE, 2013).

Foi por meio dos Decretos descritos a seguir que houve uma grande modificação no trabalho infantil: Decreto 17.943-a de 12/10/1927 foi estabelecido o Código de Menores que apresentava algumas proibições; o Decreto 22.042, de 3/11/1932 constituiu regras quanto ao trabalho de menores em indústria; o Decreto – lei 1.238, de 2/5/1939 (regulamentada pelo Decreto 6.029, de 26/7/1940), instituiu os cursos de aperfeiçoamento profissional, e o direito à frequência; o Decreto – Lei 2.548 permitiu a redução salarial, por conta da educação profissional de 18 a 21 anos; e o Decreto – Lei 3.616, de 13/9/1941, que acrescentou novas regras para o trabalho infantil (NETO; CAVALCANTE, 2013).

A organização Internacional do Trabalho (OIT) trouxe uma grande contribuição ao cenário mundial sobre o trabalho infantil, por meio de diversas convenções sobre o tema. Da mesma forma, a Organização das Nações Unidas (ONU), que em 1959 editou a Declaração Universal dos Direitos da Criança (NETO; CAVALCANTE, 2013).

A Constituição Federal de 1988 (art. 7º XXXIII), segundo Nascimento (2013) “proíbe ao menor de 18 anos, e qualquer trabalho a menor de 16 anos, salvo se aprendiz a partir de 14 anos. Além disso, veda a diferença de salário, em razão de sexo, idade e estado civil” (inciso XXX).

A Organização Internacional do Trabalho (2007) conceituou o trabalho digno para o jovem como:

[...] um trabalho produtivo com remuneração justa, segurança no trabalho e proteção social para o trabalhador e sua família, melhores perspectivas para o desenvolvimento pessoal e social, liberdade para que manifestem suas preocupações, organizem-se e participem na tomada de decisões que afetam suas vidas, assim como a igualdade de oportunidades e de tratamento para homens e mulheres.

A Consolidação das Leis Trabalhistas trata de regras sobre o trabalho infantil (artigos. 402 a 441), e também sobre o contrato de aprendizagem (artigos. 424 a 433). E o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei n. 8.069, de 1990) regulamenta o direito de profissionalização e a proteção no trabalho (NASCIMENTO, 2013).

2.3 LEI DA APRENDIZAGEM

De acordo com Manual da aprendizagem 2009, a lei nº 10.097/2000, que foi regulamentada pelo Decreto nº 5.598/2005, determina que as empresas de médio e grande porte são obrigadas a contratar jovens e adolescentes entre 14 a 24 anos. Estes jovens são contratados como aprendizes de ofício previsto na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO do Ministério do Trabalho e Emprego, e são matriculados em cursos de aprendizagem, em instituições de ensino credenciadas, que são responsáveis pela certificação. É realizado um contrato por tempo determinado, específico para contratação do jovem aprendiz, este contrato

deve ter o prazo de, no máximo, 2 anos, feito entre o aprendiz, a empresa e a instituição de ensino credenciada.

O Manual de aprendizagem (2009) ainda indica que as empresas devem realizar a contratação dos jovens aprendizes dentro da cota estabelecida pela legislação vigente, que é entre 5% no mínimo e de 15% no máximo, o cálculo é realizado com base no total de funcionários da empresa. As instituições credenciadas que são autorizadas a ministrar os cursos de aprendizagem são: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR); Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP); Escolas técnicas de Educação e Entidades sem Fins Lucrativos; registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (artigos. 429 e 430 da CLT). Os aprendizes possuem seus direitos trabalhistas e previdenciários assegurados pela CLT, conforme abaixo:

“A remuneração mínima prevista em lei, férias, décimo terceiro salário e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Além disso, deverá ter sua Carteira de Trabalho e Previdência Social anotada quanto a seu contrato de trabalho, num prazo máximo de 48 horas, ou seja em situação de Aprendiz. O direito de acesso à escola também é garantido. Por esse motivo, o horário de trabalho é especial, de forma a não prejudicar os estudos” (MÁXIMO 2012).

O programa de aprendizagem tem como objetivo realizar a formação técnica-profissional, possibilitando ao jovem absorver uma profissão, e ao mesmo tempo obter seu primeiro emprego, cuidando para que este jovem não desempenhe função incompatível ao seu nível de desenvolvimento. O perfil encontrado é de jovens de famílias humildes, sem experiência profissional, que receberam capacitação de acordo com a atividade exercitada (MÁXIMO, 2012).

De acordo com Máximo (2012), o programa de aprendizagem como conhecemos hoje é consequência do desenvolvimento das políticas públicas e estímulos ao trabalho e formação de jovens cidadãos.

2.4 OS JOVENS APRENDIZES E O AMBIENTE DE TRABALHO

Em estudo realizado em 2006 por Mattos e Chaves, foram investigadas “as representações sociais de adolescentes aprendizes sobre o trabalho e a relação entre trabalho e estudo”, por meio de um questionário com as seguintes questões abertas: “Para você, o que é trabalho? O que significa para você ser adolescente e trabalhar? Como é para você estar estudando e trabalhando ao mesmo tempo?”. A entrevista foi realizada com setenta adolescentes, com idades entre 15 e 18 anos, que faziam parte do programa de aprendizagem de uma ONG da Cidade de Salvador.

Os resultados mostram que para a questão: “Para você, o que é trabalho?”, os adolescentes responderam em torno de três categorias, que são: resultados do trabalho, atitudes frente ao trabalho e desenvolvimento pessoal, conforme tabela 1. Referente à categoria resultado do trabalho, para os adolescentes entre os aspectos mais importantes desta categoria estão: recebimento de remuneração (18), execução de atividades (17) e obtenção sustento. Os aspectos indicados com menos frequência foram: o trabalho alinhado a objetivos e metas (5) e elevação de estresse (1).

Conforme Mattos e Chaves (2006), os aspectos da questão sobre o trabalho, como forma de receber dinheiro e remuneração, pode ser explanada conforme:

“Através do depoimento do participante (ss) # 57. Ele indica que "o trabalho é algo que a pessoa faz [...] ganhando seu dinheiro de maneira honesta". Da

mesma forma, o ss # 51 relata que "o trabalho é algo que você faz e é remunerado" ou, conforme o participante # 19 "trabalhar é um meio de [obter] renda para minha família". O trabalho como execução de atividades e cumprimento de obrigações destaca-se no depoimento do ss # 56 "trabalho é você cumprir com suas obrigações" e, também, do ss # 71 "trabalho é um ato que tem por objetivo [...] cumprir suas tarefas como forem estabelecidas". O trabalho associado à sobrevivência e ao sustento revela-se no depoimento do ss # 69, para quem "trabalhar é fundamental, é a única forma de sobrevivermos nesse mundo" e do ss # 37, que indica: "trabalhar é ter a capacidade de se sustentar" (MATTOS e CHAVES 2006, p. 8)

Na categoria referente às atitudes frente ao trabalho ou que são adquiridas pelos jovens por meio do trabalho, neste aspecto, alguns adolescentes (26) associam o significado de trabalho às responsabilidades que passam a ter, tais como: acordar cedo, chegar na hora, cumprir tarefas, buscar fazer o melhor. A responsabilidade aparece como um grande fator intrínseco ao trabalho. Outro ponto, que também foi associado a esta categoria, é a competência e capacidade (9), pontualidade (5), esforço e dedicação (2) e satisfação e prazer (2) (MATTOS e CHAVES, 2006).

Na última categoria de desenvolvimento pessoal, aparece em maior destaque a possibilidade de aprendizagem (25), mas há ainda uma parcela significativa que associa o trabalho à aquisição de experiência (7). Há relatos como "trabalhar é desenvolver as coisas que eu sei fazer e aprender as que eu não sei" e "trabalho é um processo de amadurecimento pessoal, [...] que ajuda a desenvolver um ideal para o futuro" ou "é um meio de conhecimento e crescimento pessoal" (MATTOS e CHAVES, 2006).

Para a questão "o que significa ser adolescente e trabalhar?", houve uma reafirmação da responsabilidade (30) e possibilidade de novos aprendizados (26). Nesta questão, houve, como aspecto positivo relatado pelos jovens, a importância de saber se organizar, dividir o tempo para os estudos, trabalho e lazer, trazendo conciliação de todas as suas atividades. Como aspectos negativos, houve associação de obrigações que não condizem com a adolescência, como a dificuldade de trabalhar e estudar (MATTOS e CHAVES, 2006).

Para a questão: "Como é estar trabalhando e estudando ao mesmo tempo?", grande parte dos adolescentes apontou que não é fácil trabalhar e estudar, pois exige muita dedicação para conseguir conciliar sua atividade diária. Cerca de trinta e três respondentes afirmaram que conseguiram vencer o desafio, tendo mais controle de seus horários, mantendo harmonia entre o trabalho e a vida pessoal, e acreditam na validade desse esforço. Para esta pergunta, trinta e um jovens responderam que é bom trabalhar e estudar, mas enfatizam a dificuldade de conciliar estas atividades, encaram de forma positiva como uma oportunidade de serem mais flexíveis e de melhor organizarem-se diariamente, há jovens que relatam que, com o trabalho, sentem-se mais estimulados a aprender e estudar. Uma parcela menor dos jovens (11) considera que trabalhar e estudar é muito cansativo, não conseguem se alimentar adequadamente, falta tempo para estudar e há dificuldade em chegar no horário na escola (MATTOS e CHAVES, 2006).

Por meio dos resultados encontrados, Mattos e Chaves (2006) consideram complexa a compreensão dos adolescentes sobre o trabalho, e que suas percepções são elaboradas por suas experiências como adolescentes que trabalham. Na questão: "Para você, o que é trabalho?", os adolescentes responderam em torno de três categorias, que são: resultados do trabalho, atitudes frente ao trabalho e desenvolvimento pessoal, essas respostas apontam que, para eles, o trabalho é identificado como cumprimento de tarefas e probabilidade de receber uma remuneração que possa sustentar a si e seus familiares. Outro ponto relevante indicado pelos jovens é que o trabalho traz consigo um grande aumento de responsabilidades diárias,

todavia fornece a possibilidade de desenvolvimento e de novos aprendizados. Neste estudo, um dos elementos apontados foi o aumento da responsabilidade, que é encarada de forma positiva pela maior parte dos adolescentes. Os autores consideram que este estudo confirma as pesquisas de Alves – Mazotti, observando a distinção das representações de trabalho, por parte dos adolescentes. Sobre a relação entre ser adolescente e trabalhar, grande parte dos jovens destacou, como aspecto mais importante, a possibilidade de aprendizado e desenvolvimento. Com base nestas informações, é possível verificar contradições nas representações dos adolescentes, referentes ao trabalho e estudo, porém prevalece o valor afirmativo do trabalho no futuro.

Em pesquisa realizada por Borges (2010), foi aplicado um questionário para nove jovens, que participavam do programa de aprendizagem em uma ONG, conveniada a empresas da Grande Florianópolis. Os resultados de sua pesquisa foram agrupados nos seguintes núcleos: Experiência, Registro Formal, Cotidiano, Projetos e Primeiro Emprego, que foram estabelecidos, conforme análise e interpretação dos conteúdos expressos pelo sujeito. No núcleo Experiência, Registro Formal e Consumo, o objetivo da autora era investigar como se dava a inserção do menor aprendiz no mercado de trabalho. Em sua pesquisa, os adolescentes associam o sentido do trabalho a ter um salário. De acordo com a autora, o programa de aprendizagem faz com que a inserção desses jovens no mercado de trabalho aconteça de forma mais natural e tranquila, em sua maioria, os jovens partem em busca do primeiro emprego por conta própria, em sua opinião, os adolescentes:

“São movidos a buscarem experiência, uma espécie de “passaporte facilitador” para seu futuro profissional, prioritariamente, perseguindo” uma atividade empregatícia com vínculo formal. Diante desta conquista vislumbram ter sua própria remuneração. Notei que, uma vez tendo o trabalho/emprego remunerado e certa autonomia financeira, os jovens aludiram muitas vezes ao consumo” (BORGES, 2006).

Na análise do segundo núcleo “Cotidiano”, Borges (2010) aponta a transição dos jovens para a vida adulta com menos tempo disponível para lazer, mas trazendo independência e maturidade pessoal. Os jovens entrevistados analisaram criticamente a vida escolar conciliada ao programa de aprendizagem, em sua maioria os adolescentes habituaram-se bem na organização de sua vida pessoal, trabalho e educação. Nesse contexto, a autora buscou investigar “como se dão as relações entre trabalho e as demais dimensões da vida cotidiana dos jovens trabalhadores”. (BORGES, 2010)

No terceiro núcleo Projetos, os respondentes expressam suas futuras escolhas no âmbito profissional, bem como as incertezas futuras. É possível perceber que fundamentam suas escolhas sem mesmo participar de programas de orientação profissional. O autor enxerga a necessidade da instituição de aprendizagem, no caso a ONG, inserir estes adolescentes em outras possibilidades de carreira. (BORGES, 2010)

No núcleo Primeiro emprego, Borges (2006) considera que os adolescentes possuem percepções positivas e negativas sobre o trabalho. A experiência laboral é tida positivamente pela possibilidade de ampliar vínculos sociais. O trabalho na adolescência pode ser visto como formador, trazendo a probabilidade de afastar o jovem de uma vida de marginalidade. Segundo a autora, nesta pesquisa foi possível notar a necessidade destes jovens em querer um trabalho assalariado e um medo de um possível desemprego ao término do contrato de aprendizagem.

A autora conclui sua pesquisa considerando a importância de o Governo acompanhar, em longo prazo, essa inserção dos jovens no mercado de trabalho, que, muitas vezes, cumprem seu contrato de aprendizagem e, ao final, estão desempregados, e traz uma relevante

consideração em comum, presente nos adolescentes entrevistados que “trazem desejos na busca de ser alguém e de serem felizes, a partir do seu trabalho”.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem caráter descritivo-exploratório, tendo como objetivo analisar a percepção do jovem aprendiz sobre o trabalho que executa. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Considera-se também como pesquisa exploratória, devido ao objetivo de ampliar a compreensão sobre o fenômeno investigado (SELLTIZ et. al., 1974; GIL, 2002).

Foram realizadas entrevistas com dez adolescentes participantes do Programa Jovem Aprendiz, com idade entre 16 e 18 anos, e que trabalham em diversas áreas da empresa Casas Bahia, situada em São Caetano do Sul – SP.

Para realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro com oito questões abertas, que possibilitou uma abordagem mais ampla sobre o assunto em questão e a percepção sobre a experiência dos sujeitos pesquisados. As entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados e, posteriormente, transcritas para realização da análise do conteúdo.

Uma das limitações encontradas na pesquisa diz respeito à impossibilidade de se generalizar o caso em foco para toda a empresa. Dois são os fatores determinantes: o primeiro, por se tratar de uma pesquisa realizada dentro de uma empresa de grande porte, o que inviabiliza o contato com todos os menores aprendizes, localizados em diversos setores; o segundo, pela especificidade do tema de pesquisa.

Sugere-se a realização de pesquisas que tenham como objetivo verificar a percepção de menores aprendizes sobre o trabalho executado e o ambiente de trabalho em empresas de segmentos variados, como da indústria e do comércio. Também, sugere-se verificar a opinião de estagiários acerca do ambiente e do trabalho em si.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Norteados pelos objetivos propostos no trabalho, a fim de verificar a percepção dos jovens aprendizes acerca do trabalho e de seu ambiente, apresenta-se a seguir a análise dos resultados. Em relação à descrição da população da pesquisa, estas estão especificadas, conforme apresentado a seguir:

Tabela 1 – Perfil dos Pesquisados

Sujeitos	Cargo Ocupado	Tempo na empresa	Sexo	Escolaridade	Idade
Sujeito A	Jovem Aprendiz Administrativo	6 meses	Fem.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito B	Jovem Aprendiz Administrativo	8 meses	Fem.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito C	Jovem Aprendiz Administrativo	6 meses	Fem.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito D	Jovem Aprendiz Administrativo	10 meses	Masc.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito E	Jovem Aprendiz Administrativo	10 meses	Masc.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito F	Jovem Aprendiz Administrativo	10 meses	Fem.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito G	Jovem Aprendiz Administrativo	8 meses	Fem.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito H	Jovem Aprendiz Administrativo	8 meses	Masc.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito I	Jovem Aprendiz Administrativo	6 meses	Fem.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos
Sujeito J	Jovem Aprendiz Administrativo	8 meses	Masc.	Ensino Médio Cursando	16 a 18 anos

4.1. ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados abaixo obedecem à sequência do questionário respondido pelos jovens aprendizes. Para a primeira pergunta do questionário: “Para você, o que é trabalho?”, dos dez jovens entrevistados, quatro demonstraram em suas falas, ter ciência de que o trabalho é um conjunto de atividades, realizado com responsabilidade pelos empregados a um empregador, em troca de salário.

“Então, trabalho para mim é alguma coisa que você realiza que tem responsabilidade e você recebe dinheiro em troca” (Sujeito A).

“Trabalho é você ter algumas tarefas para fazer dentro da empresa com responsabilidade por um salário” (Sujeito B).

“Trabalho é uma atividade que a gente faz e recebe um salário em troca, é algo muito importante para nossa independência” (Sujeito C).

“Na minha opinião trabalho é ter responsabilidade, é um meio de você ganhar dinheiro” (Sujeito I).

O trabalho também foi apontado como uma ocupação e um cumprimento de obrigações, dentro de determinado cargo exercido. É o que foi relatado nas falas de três jovens aprendizes.

“Para mim, trabalho é o cumprimento de suas obrigações” (Sujeito F).

“Trabalho é você ocupar um cargo em uma empresa e certa atividade ou qualquer coisa que você realize” (Sujeito J).

“Eu acho que trabalho é uma ocupação, é fazer o que você gosta, tentar trabalhar na área que você tem um dom, por que você fazendo o que você gosta, o que você ama você e mais feliz” (Sujeito D).

Nos depoimentos, alguns jovens apontaram a importância do salário / dinheiro recebido em troca do trabalho. Alguns demonstraram o que significa para eles, o uso de seus salários.

“Eu sempre achei que o trabalho era apenas algo para ganhar dinheiro, mais agora eu vejo que não é só isso, pois é muito gratificante trabalhar e com seu trabalho ajudar o próximo” (Sujeito H).

“Trabalhar é uma forma de ganhar dinheiro para sustentar a família, comprar coisas, viajar” (Sujeito E).

“O trabalho é um negócio entre dinheiro, é você realizar uma certa atividade para a empresa, e com esse dinheiro a gente faz o que a gente quer” (Sujeito G).

A segunda pergunta realizada foi: “O que significa para você ser adolescente e trabalhar?”. Nesta pergunta, todos os entrevistados demonstraram a importância do trabalho na vida de um jovem. Alguns falaram em mais maturidade e boas oportunidades, outros indicaram obter maiores responsabilidades e independência financeira.

“Significa uma oportunidade de ter uma profissão e ganhar dinheiro” (Sujeito A).

“É bom porque você acaba tendo um pensamento diferente dos outros adolescentes que não trabalham, a gente acaba ficando mais maduro” (Sujeito E).

“Ter mais responsabilidade, força de vontade para conseguir fazer tudo o que se tem para fazer” (Sujeito F).

“É ser um destaque perto dos outros, pois nem todos os adolescentes pensam em trabalhar” (Sujeito G).

“É ser uma pessoa mais madura e ter agora uma responsabilidade de um adulto, assim deixando de ser apenas um adolescente” (Sujeito H).

“É ser mais maduro, pois temos as mesmas responsabilidades que a maior parte das pessoas” (Sujeito J).

“É você ser independente, ter o seu dinheiro para comprar o que você quer e se sustentar e poder ajudar a sua família” (Sujeito D).

“Ah é muito legal porque, eu tenho meu dinheiro não preciso pedir para meus pais e agora eu já tenho uma profissão” (Sujeito B).

“É bom porque eu consigo ter um dinheiro para comprar alguma coisa que eu quero, ou sair para algum lugar” (Sujeito C).

“Então eu já trabalhei em uma loja que meu pai tinha, então eu não acho nada de mais, pois quanto antes começar e melhor para a gente crescer no mercado de trabalho” (Sujeito I).

Na pergunta “Como é para você estudar e trabalhar ao mesmo tempo?”, a resposta com maior frequência foi o sono e o cansaço. Dos dez entrevistados, sete indicaram a dificuldade para lidar com esta situação.

“É um pouco difícil por que cansa muito, você não dorme muito e aí dá sono” (Sujeito A).

“Ah tipo assim, às vezes dá um pouco de sono, dá vontade de não ir para a escola por que você está cansada, mais depois você acostuma” (Sujeito B).

“Tem que ter muita força de vontade querer muito me formar, ou seja, fazer uma faculdade ter um diploma e me formar naquilo que gosto e amo fazer, por que é muito cansativo trabalhar e estudar” (Sujeito D).

“É meio difícil porque às vezes é difícil ter um tempo para estudar fazer trabalhos da escola, participar nos cursos do CIEE” (Sujeito C).

“É muito cansativo, porque às vezes o tempo que você tem você que sair com os amigos jogar vídeo game fazer essas coisas normais que os outros fazem, mas eu sei que vale a pena porque estou ganhando experiência em no meu currículo” (Sujeito F).

“Esse é o ponto que eu mais sofro por que cansa bastante, ainda mais quando a gente não está acostumada, como esse é o meu primeiro emprego eu senti muito nesta parte” (Sujeito G).

“Nossa muito cansativo, cansa demais, essa parte é pior que têm” (Sujeito J).

No entanto, três menores aprendizes afirmaram que já se acostumaram com a situação e tem uma melhor organização de seu tempo. Um deles comentou que obteve ajuda de familiares neste período. Outro entrevistado relatou a importância de trocar ideias com os colegas que estão na mesma situação.

“No começo era mais difícil ficava meio desesperada para as provas e trabalho, mas a minha mãe me ajudou muito a me organizar e estudar, agora já consigo lidar mais com a escola e o trabalho” (Sujeito E).

“Agora já é normal, eu prefiro nem pensar nisso, pois tem a faculdade ainda para fazer” (Sujeito I).

“Eu gosto, pois quando eu chego na minha escola eu e meus amigos conversamos bastante pois tenho amigos lá que também já trabalham assim conseguimos trocar ideias sobre o nossos trabalhos e nosso dia a dia” (Sujeito H).

Na quarta pergunta: “Quais são as maiores dificuldades que você encontra em sua rotina de trabalho e vida pessoal?”, a maioria respondeu a falta de tempo para outras atividades, como sair com os amigos, dormir, entre outros. Sete jovens afirmam que não tem tempo para fazer tudo o que gostariam, devido à rotina que têm.

“Acho que hoje é arrumar um tempo para poder sair com minhas amigas” (Sujeito B).

“Às vezes sinto muita falta de dormir mais, e as vezes eu não tenho tempo nem para comer, mas acho que vale a pena esse esforço para o futuro” (Sujeito C).

“Precisaria mais tempo por que parece que 24 horas é pouco tempo para trabalhar, estudar e fazer tudo o que precisa” (Sujeito D).

“Querer fazer outras coisas, mas não tenho tempo” (Sujeito F).

“Acho que é o tempo que acaba sendo um pouco pequeno, às vezes quero sair, ver meus amigos, mas não posso porque tenho que trabalhar” (Sujeito G).

“Acho que o tempo, passa muito rápido e aí chega final de semana eu só quero dormir e dormir” (Sujeito I).

“A minha maior dificuldade é o tempo para dormir e sair com minhas amigas” (Sujeito J).

Conciliar e se organizar em suas atividades, também foi apontado por dois entrevistados como um fator de dificuldade:

“Agora no momento é conciliar a escola com o trabalho, por que ainda é tudo novo, por que é o meu primeiro emprego” (Sujeito A).

“Organizar meu tempo para as coisas da escola, do trabalho, amigos e igreja” (Sujeito E).

A discriminação e o preconceito também foram apontados como dificuldades encontradas na rotina de trabalho dos jovens aprendizes. Eles indicam que por serem menores aprendizes, alguns colegas de trabalho não valorizam e não confiam em seus trabalhos.

“Assim hoje no momento é o nome do cargo, jovem aprendiz, por que as pessoas olham com outros olhos como se nós fossemos uma criança e não e bem assim” (Sujeito H).

“Dentro do trabalho é você ter um cargo de menor aprendiz as pessoas às vezes não respeitam muito, pensam que você não vai saber fazer o serviço ou tem algum receio” (Sujeito B).

“No trabalho e as pessoas que não confiam em nosso trabalho, pois pensam que nós menores aprendizes somos uma criança que não vai saber fazer o trabalho” (Sujeito J).

Para a quinta questão: “Quais são suas motivações em seu trabalho?”, o crescimento profissional foi respondido por quatro adolescentes.

“Ter mudança de cargo e ter um cargo grande nesta empresa, e um salário um pouco maior também” (Sujeito G).

“A minha motivação é querer crescer cada vez mais, e ganhar dinheiro para comprar o que eu quero e fazer minha faculdade” (Sujeito H).

“Crescer dentro dessa empresa, pois ela é muito grande e tem bastante, benefícios para o funcionário” (Sujeito I).

“É está dentro de uma empresa grande e que possa quando eu efetivar crescer e ganhar bastante dinheiro” (Sujeito J).

A realização pessoal aparece em duas respostas, onde apesar dos jovens falarem de outros itens relevantes, estes aparecem em maior destaque.

“Gosto muito de trabalhar, me sinto importante fazendo o meu serviço, porque se eu errar em alguma coisa acabo atrapalhando os outros que trabalham comigo. Também vejo como uma experiência para o futuro porque trabalhar em uma empresa tão grande é bom para o futuro” (Sujeito C).

“Trabalhar com amor para conseguir meu salário que irá me ajudar a pagar minha faculdade me sustentar e ajudar minha família” (Sujeito D).

Para dois aprendizes, suas maiores motivações no trabalho são as novas amizades que o trabalho possibilita.

“É novas amizades que você acaba fazendo e aprender coisa nova” (Sujeito A).

“Gosto de fazer novas amizades, aprender coisas novas, trabalhar em escritório com pessoas importantes” (Sujeito E).

Todavia, para alguns aprendizes, o que os motiva são os novos aprendizados.

“Eu gosto muito da área que eu estou, então eu quero aprender coisas novas, acho que essa é a minha motivação, além de crescer na empresa” (Sujeito B).

“Aprender como trabalhar em uma empresa, fazer o melhor para ser efetivado e ter uma promoção” (Sujeito F).

Para a sexta questão: “quais foram os motivos que levaram você a procurar o primeiro emprego?”, a resposta com maior frequência foi independência financeira, que aparece em seis respostas.

“Foi ter dinheiro para comprar algumas coisas que eu preciso, um livro para escola um tênis, por que meu pai tem um dinheiro muito contado para as coisas de casa” (Sujeito C).

“Querer ser uma pessoa independente por que a gente sem trabalho não é ninguém, comprar o que eu quero, ocupar a minha mente” (Sujeito E).

“Ah, ser independente, ter dinheiro para fazer as coisas que quero” (Sujeito F).

“Comprar coisas que eu quero com o meu dinheiro e entrar no mercado de trabalho” (Sujeito G).

“O meu foi ganhar dinheiro para não pedir mais para meu pai e começar a aprender a trabalhar dentro de uma empresa” (Sujeito H).

“É ganhar dinheiro para comprar o que eu quero e não precisar pedir mais para o meus pais” (Sujeito J).

A obtenção de salário foi apontada por dois respondentes, que também destacam a importância de experiência profissional.

“É ganhar dinheiro e ter uma profissão desde cedo” (Sujeito A).

“Ter meu dinheiro e já entrar no mercado de trabalho para se destacar perto das pessoas” (Sujeito B).

Novos aprendizados aparecem de forma exclusiva em uma resposta.

“Aprender coisas novas para me ajudar a decidir minha profissão para o futuro” (Sujeito D).

A experiência em uma nova profissão foi respondida por um jovem aprendiz.

“Foi entrar na área de administração, pois eu quero me formar nesta área, né” (Sujeito I).

Na questão “você contribui financeiramente para o sustento em sua casa?”, cerca de seis jovens informaram que não contribuem financeiramente em casa.

“Não, porque meu pai fala que não preciso ajudar, ele fala que meu dinheiro é para mim gastar com meus cursos, roupas e outras coisas” (Sujeito A).

“Então quando comecei meu pai falou que eu ia ajudar com alguma conta, mais como ele não me pediu eu não pago nenhuma né” (Sujeito B).

“Não” (Sujeito E).

“Não, eu não preciso” (Sujeito H).

“Agora não mais meu pai não precisa mais, mas um tempo atrás eu ajudava” (Sujeito I).

“Não meus pais acham que eu não preciso ajudar” (Sujeito J).

No entanto, quatro respondentes informaram que contribuem financeiramente em casa.

“Sim eu ajudo meu pai com uma conta de luz, todo mês e as coisas que eu preciso eu mesmo compro isso já ajuda a família” (Sujeito C).

“Sim, gosto de ajudar os meus pais, ajudar a pagar a conta de luz, uma água ou o aluguel e comprar comida e dar presente” (Sujeito D).

“Às vezes, meu pai acha que eu tenho que ter responsabilidade, ai as vezes ele me dá uma conta para eu pagar” (Sujeito F).

“Eu ajudo minha mãe com algumas compras que ela faz de almoço de fim de semana, aí eu ajudo ela” (Sujeito G).

Na última questão: “Quais são as suas expectativas e perspectivas para seu futuro profissional? ”, a resposta que mais se repetiu foi crescimento profissional, citado em seis respostas, e em alguns casos, aparece como complemento de resposta a formação financeira e o ganho de dinheiro.

“Crescer mais e mais na minha profissão” (Sujeito A).

“Ter um cargo bom e ganhar dinheiro e fazer uma faculdade na área que eu atuo” (Sujeito B).

“Ser efetivada aqui na empresa, e o meu sonho é fazer uma faculdade e ter um bom emprego para ajudar mais a minha família” (Sujeito C).

“Ter minha profissão alguma coisa que eu gosto e que me deixa feliz” (Sujeito E).

“Que a empresa goste de meu trabalho e me efetive, podendo assim crescer aqui e ganhar dinheiro para realizar alguns sonhos meu” (Sujeito H).

“Ah eu quero ocupar um cargo bem grande nesta empresa e ter um sucesso em minha carreira aqui dentro, ou fora em outra empresa bem grande” (Sujeito I).

Para quatro dos respondentes, a formação superior aparece em destaque.

“Consegui me formar naquilo que tenho um dom, para que ganhe meu dinheiro sendo feliz e fazendo que gosto” (Sujeito D).

“Me formar na faculdade e ter um bom emprego” (Sujeito F).

“Ser efetivado e fazer uma faculdade na área que estou trabalhando e ganhar bastante dinheiro para ajudar minha família” (Sujeito G).

“Quero ser efetivada e que meu salário aumente para fazer minha faculdade” (Sujeito J).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a percepção dos jovens aprendizes acerca do trabalho e de seu ambiente. Por mais que seja um tema de grande relevância acadêmica, ainda é pouco abordado em pesquisas científicas. Desta forma, foi realizada uma pesquisa, de caráter descritivo-exploratório, com dez jovens aprendizes, com idade entre 16 a 18 anos. Os

resultados apresentados destacam a compreensão dos jovens referente ao trabalho, bem como suas motivações e dificuldades.

O trabalho é visto pelos jovens como um conjunto de atividades realizadas com responsabilidade pelos empregados a um empregador, em troca de salário. Por alguns é visto como uma ocupação e um cumprimento de obrigações, dentro de um determinado cargo exercido, ou como mais importante o salário / dinheiro recebido em troca do trabalho. De certa forma, as respostas estavam sempre vinculadas ao retorno financeiro. Por mais que a visão destes adolescentes, referente ao trabalho, ainda demonstre estar crua, de certa forma, é possível ver maturidade, se comparado a outros jovens, decorrente do trabalho precoce.

Como já confirmado em estudos anteriores, como o realizado em 2006 por Mattos e Chaves, onde foram investigadas “as representações sociais de adolescentes aprendizes sobre o trabalho e a relação entre trabalho e estudo”, citadas anteriormente neste artigo, os jovens destacam aspectos positivos inerentes ao trabalho, que se confirmam em diversas respostas, tais como maturidade e boas oportunidades, responsabilidades, independência financeira, crescimento profissional, realização pessoal, novos aprendizados, experiência profissional, formação profissional, entre outros. Todavia os jovens em sua maioria apontam a dificuldade em conciliar o trabalho e o estudo, por conta do sono, cansaço e falta de tempo para o estudo e lazer.

Conforme citado por Branco (2005) apud Borges (2010), o Programa Jovem Aprendiz foi criado para minimizar o impacto da demanda de emprego entre os jovens e busca também gerar renda familiar, diminuir o índice de desemprego, facilitar o encontro do primeiro emprego e vincular o trabalho com a educação. No entanto, o resultado da pesquisa deste artigo mostrou a dificuldade que estes jovens possuem em conciliar o trabalho e o estudo, pois muitas vezes não conseguem nem mesmo alimentar-se corretamente. Outro ponto que é confirmado na pesquisa de Borges (2006), é o fato de uma parte significativa destes jovens, aparentemente, partir por conta própria em busca do primeiro emprego:

“São movidos a buscarem experiência, uma espécie de “passaporte facilitador” para seu futuro profissional, prioritariamente, perseguindo” uma atividade empregatícia com vínculo formal. Diante desta conquista vislumbram ter sua própria remuneração. Notei que, uma vez tendo o trabalho/emprego remunerado e certa autonomia financeira, os jovens aludiram muitas vezes ao consumo” (BORGES, 2006).

Pode-se verificar a importância social do programa de aprendizagem, tendo em vista que 40% dos entrevistados contribuem diretamente para o sustento de suas casas. Referente às suas expectativas futuras, estes jovens demonstraram grande expectativas para o futuro, como a construção de uma carreira sólida, bem como a busca por uma formação superior.

Portanto, pode-se concluir que os jovens aprendizes possuem ainda uma percepção de trabalho complexa, muito associada ao recebimento de salário, no entanto, é notável a contribuição que o trabalho traz para os adolescentes, em uma fase da vida com muitas mudanças, cercada por tanta fragilidade. É importante que as empresas passem a ver esses jovens de forma diferenciada, não apenas como uma contratação necessária para cumprimento de cota e que, ao término de contrato, serão substituídos por outros, mas como jovens cheios de disposição e sonhos, que podem trazer um grande diferencial para a empresa.

REFERÊNCIAS

BORGES, Regina Célia Paulineli. **Jovem Aprendiz: Os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

- BARAÚNA, Augusto Cezar Ferreira de. **Manual de direito do trabalho**. Rio de Janeiro, Ed Forense, 2009.
- FONSECA, Ricardo Tadeu Marques da. **O Trabalho da Pessoa com Deficiência e a Lapidação dos direitos humanos: o direito do trabalho, uma ação afirmativa**. São Paulo: LTr, 2006.
- GOMES, Orlando. **Curso de direito do trabalho**. 6ªed. Rio de Janeiro, Forense, 1976.
- MANUAL DA APRENDIZAGEM: **o que é preciso saber para contratar o aprendiz** – 3. ed. – Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2009.
- MARTINS, Sergio Pinto. **Direito do Trabalho**. 29ª edição. São Paulo: Atlas, 2013.
- MATTOS, Elsa de; CHAVES, Antônio Marcos. As representações sociais do trabalho entre adolescentes aprendizes - um estudo piloto. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum., São Paulo, v.16 n.3** Dez. 2006.
- NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Curso de Direito do Trabalho: história e teoria geral do direito do trabalho relações individuais e coletivas do trabalho**. 28ªEdição. São Paulo: Saraiva 2013.
- NETO, Francisco Ferreira Jorge; CAVALCANTE, Jouberto de Quadros Pessoa. **Direito do Trabalho**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2013.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (2007). **Trabalho decente e juventude: América Latina**: resumo executivo. Organização Internacional do Trabalho, Escritório Regional para América Latina e o Caribe, ISBN: 978-92-2-820291-5, Brasília: OIT, 51 p. Disponível em: http://oitbrasil.org.br/info/publ_result.php.
- PEREZ, Viviane Matos Gonzalez. **Criança e Adolescente: O Direito de não trabalhar antes da idade mínima constitucional como vertente do princípio da dignidade humano**. Dissertação (Mestrado em Direito). Campos de Goytacazes, Faculdade de Direito de Campos, 2006.
- SARRES, Carolina. (2013). **OIT: 12,6% dos jovens no mundo estavam desempregados em 2012**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-01-21/oit-126-dos-jovens-no-mundo-estavam-desempregados-em-2012>. Acesso em: 04 set. 2013.
- SUSSEKIND, Arnaldo. **Instituições de direito do trabalho**. 22ª ed. São Paulo: 2005.